

AJANews 78 - Abril de 2009

Santa Sé: Partilhar a responsabilidade pela prestação de cuidados Via-sacra com os doentes de SIDA

A Beata Anuarite Nengapeta era uma jovem Irmã da Sagrada Família de Kisangani. Trabalhava como professora em Wamba. Foi assassinada ao resistir ao assédio sexual de um líder da rebelião de 1964, no Congo. São Luís Gonzaga era um jovem Jesuíta que desprendidamente entregou a sua vida cuidando das vítimas da devastadora peste de 1591, em Roma. Confiamos a Rede Jesuíta Africana contra a SIDA à sua oração e protecção.

SANTA SÉ: PARTILHAR A RESPONSABILIDADE PELA PRESTAÇÃO DE CUIDADOS

O Arcebispo Celestino Migliore, Nuncio Apostólico, Observador Permanente da Santa Sé no Conselho Económico e Social das Nações Unidas, fez a seguinte declaração, sobre a partilha das responsabilidades por parte das mulheres e dos homens, aquando da 53ª sessão da Comissão da Condição Feminina em Nova Iorque, a 9 de Março de 2009.

Senhor Presidente,

A minha delegação aplaude a escolha de um tópico tão importante e oportuno para esta discussão: a partilha das responsabilidades entre homens e mulheres, incluindo a prestação de cuidados no contexto do HIV/SIDA.

Considerar os cuidados como um aspecto fundamental da vida humana é algo que tem profundas implicações.

A prestação de cuidados implica programas, políticas e decisões orçamentais, bem como uma atitude e um compromisso pessoais para com o bem-estar dos outros. A inter-relação entre actividade e atitude pessoal é por demais evidente, mas nem sempre se pode considerar como um dado adquirido.

Os seres humanos não só são autónomos e iguais, como também são criaturas interdependentes que, independentemente do seu estatuto social e da fase de vida em que se encontram, poderão necessitar de cuidados.

Quando abordamos questões prementes como a prevenção e o tratamento do HIV/SIDA, a educação dos filhos, os trabalhos domésticos e o apoio a familiares idosos, pelo facto de se focalizar nos cuidados e na partilha de responsabilidades entre mulheres e homens somos levados a pensar que a relação entre homem e mulher na sociedade é uma relação de interdependência.

Ultrapassar o dilema entre autonomia e dependência também propicia uma nova visão da tarefa de prestação de cuidados que já não pode ser atribuída apenas a determinados grupos, como as mulheres e os imigrantes, mas deve ser partilhada por todos os homens e mulheres, não só ao nível das famílias, mas também ao nível do sector público.

Nomeadamente, torna-se cada vez mais inadmissível que continuem a existir atitudes e

locais - mesmo no domínio dos cuidados de saúde - em que as mulheres são vítimas de discriminação e em que o seu contributo para a sociedade é subestimado só porque são mulheres. Não é aceitável o recurso à pressão social e cultural, com o objectivo de manter a desigualdade entre os sexos.

Senhor Presidente, uma vez que o nosso debate incide sobretudo na partilha de responsabilidades e na prestação de cuidados entre homens e mulheres, no contexto do HIV/SIDA, o primeiríssimo pensamento vai para o principal e melhor significado da prestação de cuidados, nomeadamente, tomar a seu cargo, proteger e promover o bem-estar dos outros. Neste contexto, o HIV/SIDA questiona os valores por que pautamos as nossas vidas e a forma como nos tratamos ou não, uns aos outros.

Continuam a ser essenciais os cuidados baseados na comunidade e o apoio à escala mundial para os que sofrem desta doença. Os cuidados de base domiciliária são a forma preferida de prestar cuidados em inúmeros contextos sociais e culturais, sendo frequentemente mais acessíveis e bem sucedidos a longo prazo, quando são fundamentados na comunidade. Com efeito, quando há um número elevado de membros de uma comunidade envolvidos nos cuidados e apoio, é menos provável que haja estigma associado à doença.

Infelizmente, os cuidados de base comunitária e domiciliária não são, em larga medida, reconhecidos, e há muitos prestadores de cuidados que enfrentam situações financeiras precárias. Dos fundos despendidos anualmente na prestação de assistência aos que sofrem, como também na muito necessária investigação para combater a doença, só uma parte ínfima é destinada àqueles.

Diversos estudos têm demonstrado que os prestadores de cuidados de base comunitária e domiciliária sofrem de facto mais stress do que os profissionais de saúde; por esse motivo, deve ser dado apoio a essas pessoas, sobretudo às mulheres e às pessoas de mais idade que são prestadoras de cuidados.

A minha delegação gostaria igualmente de se concentrar em alguns aspectos da globalização da prestação dos cuidados que estão a afectar nomeadamente as mulheres pobres e imigrantes. Em algumas sociedades caracterizadas por transformações demográficas importantes, e por sistemas familiares, profissionais e de previdência social inadequados, as mulheres imigrantes dão resposta à procura no domínio da prestação de cuidados a crianças, doentes, pessoas com deficiências graves e idosos. Em muitas partes do mundo, surgiu um verdadeiro mercado na área da prestação dos cuidados de base domiciliária, em que sobretudo as mulheres são confrontadas com situações de vulnerabilidade devido à situação de irregularidade, ao isolamento social, a condições de trabalho difíceis e, por vezes, a exploração de todos os tipos.

Os governos devem reconhecer devidamente que o orçamento e a organização das instituições públicas são facilitados de algum modo pela prestação de cuidados de base familiar e deveriam por isso adoptar leis de migração que favoreçam a integração social e a protecção total dos prestadores de cuidados imigrantes que se ocupam de doentes. De igual modo, o apoio a uma formação profissional adequada que ofereça aos prestadores de cuidados de base domiciliária conhecimentos básicos em matéria de saúde e psicologia elevariam o nível da actividade inestimável que prestam e poderia eventualmente protegê-los de certos tipos de exploração fácil e repreensível.

Os países em vias de desenvolvimento estão a sofrer de uma migração dos cidadãos

com mais qualificações académicas, mais talentos e competências, designadamente no sector da saúde, que deixam as suas terras para irem para países ricos à procura de melhores oportunidades económicas. As forças do mercado são responsáveis por este fenómeno, mas este é um domínio em que os países de origem, de trânsito e de destino têm de trabalhar em conjunto para ajudar os países em vias de desenvolvimento a reter - ou, pelo menos, a readmitir - esses membros qualificados da sua força laboral, proporcionando-lhes incentivos adequados que reconheçam e remunerem melhor o seu trabalho, para que os prestadores de cuidados possam mais facilmente permanecer nos seus países de origem.

Por último, Senhor Presidente, há muitas culturas que consideram que os cuidados devem ser restringidos à esfera privada e pressupõem que os cuidados sejam prestados no círculo doméstico.

Os cuidados têm de passar a ser tópico de debate público e a assumir importância capaz de moldar a vida política e de tornar os homens e as mulheres capazes de se preocuparem mais com as necessidades dos outros, para se tornarem mais sensíveis e capazes de concentrar a sua atenção nos outros.

Os cuidados, neste sentido, têm capacidade para favorecer um processo de democratização da sociedade e para fomentar uma sensibilização pública que vise a justiça e a solidariedade sociais, que sejam reais para todas as mulheres e homens.

VIA-SACRA COM OS DOENTES DE SIDA

Esta *Via-Sacra* foi escrita por Thierry Manirambona SJ, um escolástico do Burundi que usa a poesia e a prosa para chamar a atenção para as pessoas com HIV. É dedicada a *Jean d'Amour*, um rapazinho que Thierry conheceu no Orfanato Noël, em Nyundo. *Vivemos juntos durante dois meses*, escreve Thierry. *Fazíamos ginástica juntos; fomos durante alguns dias fazer escutismo. Eu sabia que ele era seropositivo. Um dia, faleceu sem qualquer sinal de anúncio. Era tão novo, não tinha mais de 12 anos. Agora, na sexta linha de cada Estação, Thierry oferece o seu amigo Jean d'Amour a Jesus no caminho do Calvário.*

1a Estação: Jesus diante de Pilatos

Jesus, estás de pé, diante de Pilatos
Inocente, em silêncio
A justiça morreu
Apenas Tu sabes porque estás aí
Para restabelecer a justiça social
Entrego-Te o meu pequeno amigo
Diante do sofrimento, ele está fulminado
É criança demais para entender
E o céu permanece mudo
Lembra-Te dele, ajuda-o

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

2ª Estação: Jesus carrega a cruz

Tudo está decidido: deves carregar a cruz
Até ao lugar da execução
Não recuaste
Não procuraste esquivar-te da cruz
Foi para nos fortalecer
Entrego-Te o menino doente
Que carrega a solidão e o abandono
Que ele saiba que não se trata de uma maldição
Mas antes que Tu estás com ele
Fortalece-o, agarra-lhe a mão

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

3ª Estação: Jesus cai no caminho

A cruz é pesada e Tu caís no caminho
Desfaleces sobre a terra
Qual árvore robusta que morre
No silêncio da noite
Tu resistes à queda
Entrego-Te o meu pequeno companheiro
Que, de vez em quando, se deixa abater
Na primeira queda, na primeira lembrança
Estende os teus braços para ele, olha por ele
Que ele se recomponha: é ainda longo o caminho

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

4ª Estação: Maria, a Mãe sofredora

É demasiado duro para a Tua mãe
Que sofreu tanto na fuga
Ao acolher as palavras de Simeão
Sofreu já, em inúmeras ocasiões
E Tu leva-la no Teu coração, Maria
Ofereço-Te o meu amigo íntimo, Jesus
Que ele sinta que estamos com ele
Que também é penoso para nós
E que ele nos leve no seu sofrimento
Como nós o levamos e amamos

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

5ª Estação: Simão de Cirene

Pelo caminho, obrigam um estrangeiro
A dar-Te uma mão
Anónimo, ele participa na Tua paixão
E seguirá o seu caminho, rumo ao seu destino
Tu sofrerás o resto da Paixão
Ofereço-Te o meu camarada, Senhor Jesus
Que eu o ajude a atravessar as torrentes
Que eu um dia o possa ajudar a manter-se de pé
Ainda que o tenha de deixar um dia
Faz-me ser compadecido, por uma noite

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

6ª Estação: O rosto sofredor de Cristo

Frágil, Verónica emerge da multidão
E, em silêncio, enxuga o Teu rosto
Tu permites, Tu deixas-Te amar
Tu aceitas a nossa ajuda
Tu que tens tudo, que és tudo
Senhor, entrego-Te o meu amigo
Faz com que, anónimo, eu o ame sempre
Que possa, ao menos, sorrir-lhe
Desenhar-lhe uma borboleta, uma flor
Faz de mim barqueiro para a sua travessia

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

7ª Estação: Jesus cai pela segunda vez

O sol abrasa, o caminho é longo
Caminhas sob a chuva de golpes
Cansado, cais de novo
Sobre pedras aguçadas, que magoam
Contudo, não vais ceder
Senhor, entrego-Te o meu companheiro
A mágoa não tem limites
Ele perde a réstia de esperança e volta a cair
Ele tinha esperança, mas está no limite das suas forças
Estende-lhe a mão e levanta-o

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

8ª Estação: As mulheres de Jerusalém

As mulheres anónimas, discretas
Que sentem a sua maternidade ferida
E que conhecem bem o valor da vida
Têm piedade de Ti, as miseráveis
E Tu lhes transmites uma palavra de amor
Entrego-Te o meu camarada
Que ele aceite a nossa amizade
Espontânea, amizade de desconhecidos
Que ele experimente a dádiva gratuita
Abre-lhe o Teu coração

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

9ª Estação: Jesus cai pela terceira vez

Esgotada a reserva de forças
Estás quase no fim do caminho
O tempo pára
Começa a contagem decrescente
E Tu não desapareces. Tu ficas
Entrego-Te o meu amigo doente
Quando, por todos os lados, ele está bloqueado
Quando a saída parece cortada
Chama-o. Que ele Te veja caído no chão
E permaneça firme, à Tua imagem

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

10ª Estação: A túnica

Haverá sempre ladrões, malfeitores
Que se aproveitam dos bens alheios
Haverá sempre oportunistas
Para despojar mesmo o órfão
E Tu permites que isso aconteça
Peço-Te pelo meu amigo doente
No seu sofrimento, nas suas dores
Que ele se desprenda dos seus bens passageiros
Mas que se agarre a Ti
Esperança que não engana

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

11ª Estação: Jesus é crucificado

Só faltava isso: os cravos
E o sangue, que jorra por todo o lado
As lágrimas, os soluços
A dor que rasga o céu
E Cristo, que tudo suporta
Entrego-Te o meu amigo íntimo, ó Jesus
Quando a SIDA parece vitoriosa
Que, pacientemente, no seu sofrimento
Dirija para Ti o seu olhar e que acredite
Peço-Te, Jesus: olha para ele

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

12ª Estação: A morte de Jesus

Os céus abrem-se, o véu rasga-se
Os batentes das portas cedem
E Deus torna-se mais próximo
Quando já nada mais se compreende
É então que Jesus vence a morte
Jesus, entrego-te o meu amiguinho que morre
Sem entender nada
Com os olhos rasos de lágrimas
Que ele sinta as lágrimas de Deus
Correrem sobre o seu rosto e o enxugarem

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

13ª Estação: o lado aberto

Com um golpe, um soldado rasga o coração
E uma torrente de graças jorra
Do coração sagrado, que sangra
Jesus morre dando a vida
Jesus inunda as vidas com o seu precioso sangue
Não morras, Senhor Jesus
Antes de deixares as gotas do teu sangue
Gotas de vida, como as da chuva
Cair sobre a história do agonizante
Para restaurar a sua vida antes da sua Partida

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

14ª Estação: a sepultura

A grande pedra dava a ideia do fim
Seria de acreditar que o pano correu
E que jamais o vento sopraria
Seria de acreditar no silêncio que invadia, na ausência
E, entretanto, Jesus está VIVO
Peço-te pelo meu amigo, Jesus
Quando a neblina parece mais densa
Quando a noite é mais escura
Que o aroma da flor-de-lis da minha mão
Desperte a sua alma para a Aventura

São Luís Gonzaga, roga por nós
Beata Anuarite, roga por nós

Michael Czerny SJ, Redactor e Director
Danielle Vella, Conselheira de redacção
Eric Simiyu Wanyonyi SJ e Marcel Uwineza SJ, Redactores Associados